

AJ11.741

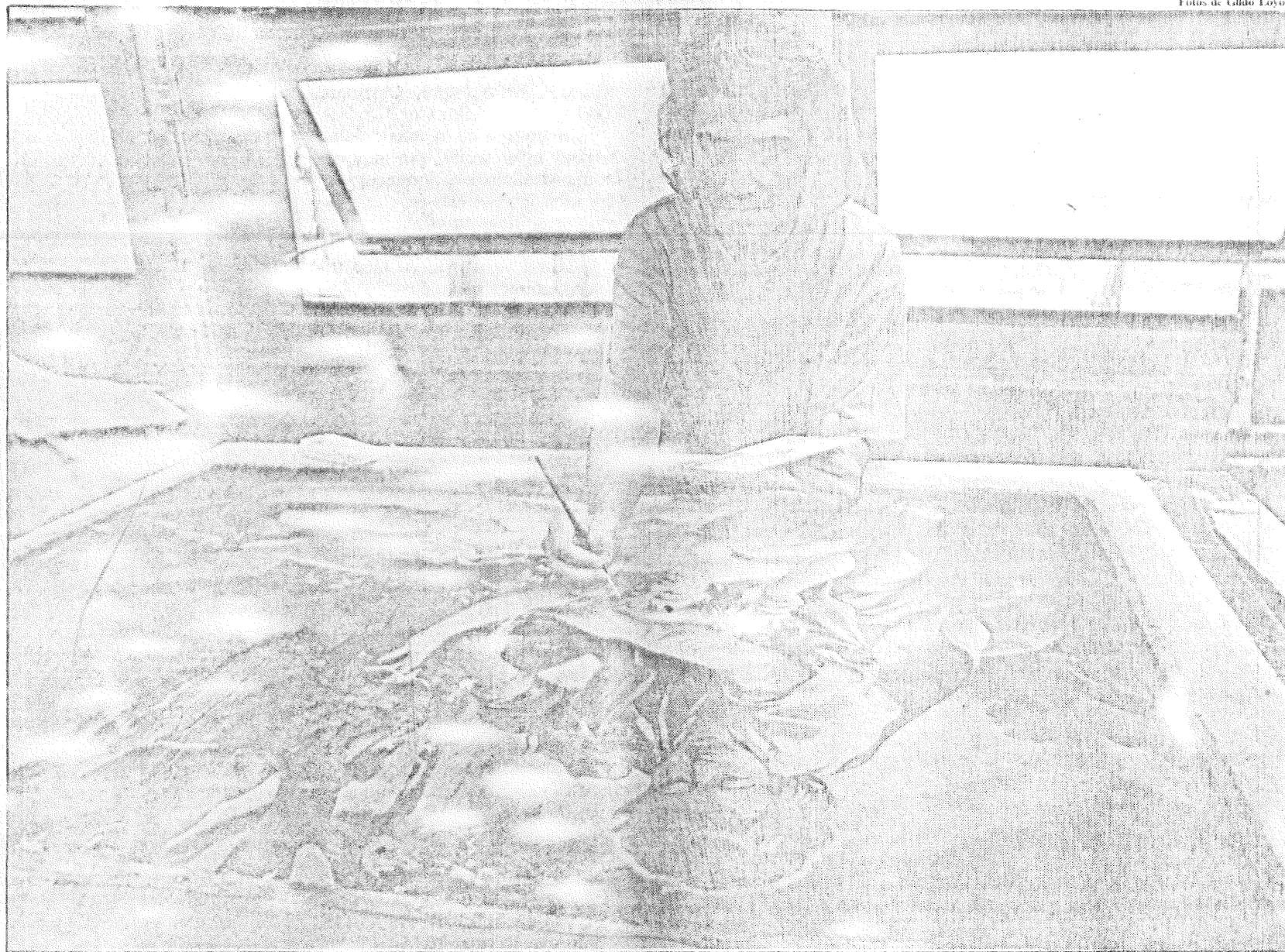
Chico Neto

Você pode ir a Ouro Preto e passar longe das obras de Aleijadinho, ou viajar à Grécia nem pensando em ir pelas ruínas — creia, por certo estará perdendo elementos que compõem justamente a energia essencial desses lugares que você está visitando e de onde, até para seu descanso, pode tirar grande proveito. E é mesmo por conhecer a estreita relação que a arte tem com a história das civilizações, em seu caráter mais intimista e abrangente, que o ofício de um restaurador vem ganhando, nos últimos tempos, as atenções das cabeças mais sensíveis dessa área. Muitas das quais, voltadas ao quase meio milênio de Vila Velha e Vitória, começam a desenvolver aqui um provável ciclo de conservação.

Desde que montou na Ufes junto com Joyce Brandão a oficina de tintas — uma espécie de carpintaria de caleidoscópios que veio a selhar para um universo de estudantes e profissionais pouco acostumados à exploração de recursos naturais vizinhos —, o artista Attilio Colnago Filho começou a perceber que, mergulhando em concepções cromáticas as mais variadas, o universo que se lhes descortina foi muito mais complexo do que o que a gente estava acostumado a ver da cor para fora.

Desse tapa veio, virulenta, a sensação de que milhões de agentes de toda ordem — climática, luminosa, ambiental — estão a agir por sobre a estrutura do material que se emprega nas obras de arte. E que, assim o sendo, assegurar sua resistência e durabilidade é tarefa que exige a intimidade com a química da obra. Mais ainda, tal elemento requer o permanente interesse e pesquisa por todos aqueles aspectos que, somados, constituem, em nível prático, a medicina da arte. Tarefa, pois, para espíritos perfeccionistas como a de Attilio, para quem muito do que hoje reluz na mídia não passa de arte efêmera.

Nada contra a efemeridade em si: Attilio pensa que o caráter mortal tem tudo a ver com qualquer arte que se crie dentro desse espírito — mas preferiria que sua destinação se mostrasse adequada, assumida para o consumo quase imediato, e não equivocada — como no caso de algo desse gênero vir a



Fotos de Gildo Loyola

Rachel alerta que o acervo do Museu de Arte Sacra precisa ser restaurado

fragmentos microscópicos deixa de ver o representativo da coisa, por exemplo: no vermelho, ao microscópio você vai descobrir que o que existe são partículas de vermelho sobre uma outra base”, ilustra. “Com isso, me tornei uma criatura mais chata, mais voltada ainda para o perfeccionismo”. Daí veio o que ele aponta como um questionamento da postura artística atual, e que o faz concluir que “hoje em dia as pessoas brincam muito de ser artista; dorme-se como um mortal comum e acorda-se artista plástico”. Tal conceito, claro, diz mais respeito ao aspecto durabilidade, item que Attilio não enxerga muito no que se produz, de maneira geral, na arte da atualidade. Com honrosas exceções.

Ele cita o caso de uma amiga do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, que conta estar com um problema no acervo de uma tela que simplesmente não seca. “Ela se pessoal usa vaselina, óleo de soja etc. na composição da tela, e realmente o material fica com baixa qualidade”, diz. “No que se pega para restaurar nos museus, 50 por cento são obras de arte contemporânea, que, comprovadamente, se deteriora da maneira mais fácil”. Como material contemporâneo, é consenso entre a classe situar a produção do início da década de 70 para cá. O que vem antes, ressalta, passa por um processo de envelhecimento natural — o verniz já enfrentou a oxidação, o tecido já não fica tão tenso etc. —, enquanto a decadência do material atual é precoce.

As técnicas para efetuar uma restauração são diversas e minuciosas, muitas delas exigindo, ainda, material importado, único sobre o qual ainda se pode garantir qualidade real. Mesas térmicas, colas especiais feitas à base de cartilagem de coelho e o super-heróico adesivo Beva estão entre os itens preciosos para um restaurador, principalmente no que diz respeito a telas. Para adquirir intimidade com essas técnicas, os pesquisadores reanalisam uma série de simulações de acidentes, tais como ataques de cupins e

R Restaurações com técnicas científicas

Nova geração de restauradores capixabas utiliza técnicas modernas para um trabalho até então feito artesanalmente

Nova geração de restauradores capixabas utiliza técnicas modernas para um trabalho até então feito artesanalmente

Atílio pensa que o caráter moral tem tudo a ver com qualquer arte que se crie dentro desse espírito — mas preferiria que sua destinação se mostrasse adequada, assumida para o consumo quase imediato, e não equivocada — como no caso de algo desse gênero vir a fazer parte do acervo de algum museu ou galeria. Composições elaboradas com materiais vulneráveis, e que são muitas por aí, lembra o artista, em geral estão no outono — irrenovável — de suas vidas em uma média de dez anos depois de concluídas. Como arte de tempo limitado, ótimo. Como material que pudesse ser conhecido e estudado por outras cabeças, em outros ciclos — que a vida ainda é cíclica —, deixa a desejar.

Leitura diferente

Foi aí que, tendo sentido a necessidade de mergulhar de cabeça em um universo que permitisse a leitura da obra de fora para dentro — e não simplesmente a partir do que a obra mostra de si a uma visão que acaba se situando apenas como externa —, Atílio foi informado de uma seleção, em nível de Universidade, para o curso do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Cecor), de Belo Horizonte. O intento já vinha impetuoso, e Atílio, inscrito, acabou por ser o primeiro selecionado. Foi para lá, onde ficou durante dois anos, e voltou com todo gás.

Melhor para o Centro de Artes, que, apenas com meio semestre da recém-criada disciplina Fundamentos de Restauração e Conservação de Bens Móveis, pode agora contar com um entusiasta a lhe imprimir toda a contemporaneidade possível das vivências daquele curso mineiro. Estreada pela professora Rachel Diniz, restauradora também formada em Belo Horizonte, a disciplina, nova no Espírito Santo — o quarto estado brasileiro a oferecer esta modalidade — conta com limitações ainda por conta de verba, o que, evidentemente, limita seu campo. De qual-

quer forma, a consciência de conservação e restauração em nível de Brasil, que não é tão enraizada, carecia de bases aterrissadas no Espírito Santo, um lugar que, afinal, tem quase a idade a partir de quando se conta a “formação” do Brasil.

Rachel, de 80 até 88, foi a responsável por grande parte dos trabalhos de restauração efetuados no acervo do Museu Solar Monjardim, através de um convênio com a Ufes. Também restaurou o acervo do Palácio Anchieta e tem dado assistência à restauração do acervo da Assembleia Legislativa. “O que acontece é que grandes trabalhos de restauração do Espírito Santo, que poderiam estar sendo realizados por capixabas, ainda têm de ser feitos por gente de fora”, observa ela, para quem o convênio com outras instituições é importante — inclusive porque providencial, em muitos casos —, mas há que se criar aqui mão-de-obra.

Ela lembra que o acervo do Museu de Arte Sacra, ligado à Ufes, atualmente se encontra todo no Solar Monjardim, à espera de uma restauração cujo projeto não vingou até agora por falta de verba. “Houve até exposição das peças danificadas”, lembra, ressaltando a necessidade de se trabalhar, na própria Universidade, este material. Inscrita em um mestrado em Conservação e Restauração na Universidade de Arquitetura e Urbanismo de Salvador, Rachel provavelmente irá se ausentar, o que legará a Atílio, ainda a desenvolver suas pesquisas na oficina de tintas, um encargo nobre e quixotesco.



“Eu não sei o que o acervo do Museu de Arte Sacra ainda está fazendo naquele quatinho no Solar Monjardim”, lamenta Atílio. “Acho que é o que de existe mais crítico em termos de necessidade de restauração aqui no Espírito Santo”. Sobre as perspectivas que possa vir a apresentar a Ufes com relação à disciplina que fatalmente cairá em suas habilidosas mãos, Atílio considera ainda prematuro divagar: está recém-chegado do curso, com o várias idéias por ordenar e ativando intercâmbios vitais com pessoal de lá. No momento, faz parte do seu campo de observação o material que, propriedade da civilização capixaba, cla-

ma por ser conservado.

“Uma obra de arte, a partir do momento em que você a concluiu, começou a morrer e ainda existem agentes externos como a poluição, a temperatura etc., que atuam em sua deterioração, além dos vandalismos que se costumam cometer”. Eis por que, para ele, todo o trabalho de um restaurador deve ser precedido de uma base firme em consciência de conservação — e mais que isso, da atuação conjunta com outros profissionais. Trata-se de um trabalho que exige uma equipe “na qual químicos historiadores da arte e restauradores comuguem uma mesma sensibilidade e traba-

Atílio entende que restaurar é adaptar materiais sem interferir na estética

lhem para um mesmo fim”, acentua.

Tão logo chegou ao Centro de Conservação e Restauração de Bens Móveis, Atílio, começando a concluir a alquimia de tantos elementos que compõem a estrutura de um quadro uma escultura etc., passou a entender que, como os seres humanos e suas moléculas, tudo em uma obra de arte é partícula de um universo maior a formar, enfim, seu conjunto conceitual. E, assim como a cada ser humano cabe avivar sua consciência de corpo, o trato com a criação requer, sobretudo, que o criador ou seu tutor se inteiram das diversas condições que, no organismo ou no meio ambiente, agem de forma a interferir na composição dessa criatura.

“Quando você se detém em

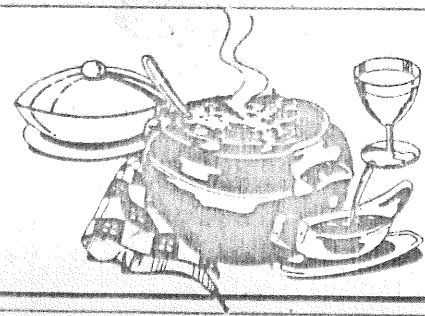
saas térmicas, colas especiais feitas à base de cartilagem de coelho e o super-heróico adesivo. Beva estão entre os itens preciosos para um restaurador, principalmente no que diz respeito a telas. Para adquirir intimidade com essas técnicas, os pesquisadores realizam

uma série de simulações de acidentes, tais como ataques de cupins e vandalismos generalizados.

“A conservação defende a estabilidade sem interferir na estética do trabalho, tendo a finalidade de estancar processos de envelhecimento natural”, explica Atílio. “A partir daí, na restauração, sim, você entra então na estética, devolvendo a essa obra uma leitura correta”. Temperatura, luz e umidade, basicamente, são fatores que atuam no envelhecimento de uma obra de arte, provocando desde os chamados craquelês (rachaduras na pintura) até danos mais visíveis e deformadores.

Tendo trabalhado no Cecor com pintura, pintura de cavalete e escultura policromada sobre madeira, Atílio chama a atenção para o tanto que o Estado possui a ser restaurado. Entre os acervos do Solar Monjardim, do Museu de Arte Sacra, do Santa Luzia, das galerias de Arte e Pesquisa e Espaço Universitário (ambas da Ufes) e alguns outros, uma supervisão que devolvesse o instinto de conservação já adiantaria o lado. “Tudo isso precisa de proteção porque é o que a gente tem”, lembra. “Quando a Universidade pode querer montar um museu”.

Enquanto isso, há muito tendo passado do quadragesimo aniversário, o Convento da Penha, sobre onde se infere existirem moradas de elfos e toda sorte de criaturas habitantes dos verdes mítológicos, vem sendo visitado diariamente por uma legião de “médicos” que, em duas etapas de seis meses (a primeira já está quase por terminar), estão restaurando murais, quadros, imaginários, arquitetura e, ao final, o forro. Tudo de um convênio entre o DECE, o Governo e com orientação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a empreitada tem reacendido a centelha da conservação e da restauração em muitos profissionais. Como no restaurador de móveis antigos Marcelo Guimarães, que, sem formação acadêmica mas respaldado por toda uma prática desenvolvida no mercado italiano, destaca: “Eu estou lucrando muito em nível profissional no Convento”. Que Nossa Senhora da Penha abençoe.



SEXTA-FEIRA É DIA DE:

COMEMORAR & BEBEMORAR

ESCOLHA BEM NA CONTRA-CAPA DO Caderno Lois